

A EDUCAÇÃO NA ENGRENAÇÃO DO CAPITAL: LEITURA CRÍTICA DAS DESIGUALDADES ESCOLARES À LUZ DE MARX E SEUS INTÉPRETES

MAYARA CRISTINA VARGAS¹; NEIVA AFONSO OLIVEIRA²

¹Universidade Federal de Pelotas 1 – vargasmayaracris@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – neivaafonsooliveira@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente resumo apresenta a síntese da dissertação intitulada, *A educação na engrenagem do capital: leitura crítica das desigualdades escolares à luz de Marx e seus intérpretes*, defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, em 2025, cujo objetivo central é analisar o fenômeno da desigualdade social na educação a partir da filosofia social marxiana e marxista. A investigação, de caráter bibliográfico e com abordagem qualitativa, busca evidenciar a relevância de uma educação crítica, emancipadora e comprometida com a transformação social. Destaca-se, assim, a necessidade de aprofundar a reflexão acerca da formação omnilateral como uma alternativa possível para enfrentar os impactos da desigualdade social e construir caminhos que contribuam para sua superação.

2. METODOLOGIA

A pesquisa bibliográfica, enquanto método investigativo, mostra-se fundamental para a compreensão do fenômeno da desigualdade social refletido na educação dos sujeitos historicamente oprimidos, a partir de uma análise fundamentada na filosofia social marxiana e marxista. Tal abordagem exige o rigor próprio das investigações vinculadas à filosofia da educação, garantindo profundidade teórica e criticidade na análise.

Nesse sentido, para a elaboração desta dissertação — aqui apresentada de forma sintética — foram utilizadas obras marxianas fundamentais, selecionadas a partir de leitura e análise crítica em relação ao tema, entre as quais se destacam: *A ideologia alemã*, *O Capital* (capítulo V), *Manuscritos econômico-filosóficos* e o *Manifesto Comunista*. Além disso, incorporaram-se contribuições de comentadores da tradição liberal, de educadores marxistas, bem

como um conjunto de artigos selecionados a partir dos descritores “educação”, “desigualdade social” e “injustiça”. Soma-se, ainda, uma entrevista exclusiva com o professor Gaudêncio Frigotto, que abordou o fenômeno da desigualdade social, sua relação com a educação e a filosofia de Karl Marx.

Por fim, essas leituras, estudadas com rigor, compõem o referencial teórico da dissertação, possibilitando uma reflexão crítica e necessária acerca da desigualdade social e de seus desdobramentos no campo educacional.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O fenômeno da desigualdade social acompanha a história das sociedades humanas. Nesse sentido, este capítulo inicia com uma reflexão sobre sua historicidade, tomando como referência a análise de Marx e Engels (2017, p. 22) no *Manifesto do Partido Comunista* :

A história de todas as sociedades até hoje existentes é a história da luta de classes. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, senhor feudal e servo, mestre de corporação e companheiro, em resumo, opressores e oprimidos, em constante oposição, têm vivido numa guerra ininterrupta, ora franca, ora disfarçada; uma guerra que terminou sempre ou por uma transformação revolucionária da sociedade inteira, ou pela destruição das duas classes em conflito.

Portanto, Marx (2017) destaca que a exploração de uma classe sobre a outra sempre sustentou as sociedades humanas, ainda que de forma disfarçada. Ressalta também que a luta de classes conduz inevitavelmente a transformações sociais ou à destruição das próprias classes em conflito, tratando-se aqui de uma reflexão introdutória diante da complexidade de sua obra.

Nesse sentido, a partir das reflexões de Marx (2017), é possível estabelecer uma conexão com a sociedade contemporânea, marcada pela lógica neoliberal. Essa lógica, ao se apropriar do discurso da equidade, sustenta práticas que difundem a ideia de uma desigualdade suportável. No âmbito político e econômico, tal concepção não representa uma ameaça para um sistema que se alimenta das próprias desigualdades e injustiças sociais.

Assim, a crítica marxiana às desigualdades mantém-se atual e pertinente, uma vez que os discursos neoliberais, fundamentados na defesa da meritocracia, reforçam a manutenção da ordem capitalista. Nesse contexto, a exploração das classes oprimidas permanece, sobretudo no campo educacional, como expressão das contradições estruturais do sistema.

Assim sendo, Frigotto¹ (2025) responde em entrevista acerca da relação entre educação e a reprodução social:

O Brasil tem uma classe dominante, detentora do capital, que carrega o DNA escravocrata e colonizador e que mantém uma estrutura econômica e social das mais desiguais do mundo. A manutenção desta estrutura sócio-econômica tem ocorrido mediante ditaduras e golpes de estado. E isto se reflete na desigualdade educacional, enquanto manutenção das estruturas de poder e propriedade – a ideologia da meritocracia, por exemplo, tem o papel de transformar a desigualdade socialmente produzida como sendo fruto do não mérito individual dos desigualizados. Mas, se há classes sociais, também há luta de classe e, como tal, a disputa da educação e do conhecimento que permitem desvelar o que a classe dominante busca mascarar.

Frigotto (2025) destaca que a educação, longe de ser neutra, difunde a lógica meritocrática ao naturalizar desigualdades, promover a alienação e responsabilizar os sujeitos por seu fracasso, ocultando a negação de direitos. Tal compreensão articula-se ao materialismo histórico-dialético de Marx e Engels (2007), segundo o qual a educação reflete as condições materiais e de produção, reproduzindo a ideologia dominante e legitimando as contradições sociais.

Sobre as ideias dominantes, Marx e Engels (2007, p. 47) postulam que:

As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante. A classe que tem à sua disposição os meios da produção material dispõe também dos meios da produção espiritual, de modo que a ela estão submetidos aproximadamente ao mesmo tempo os pensamentos daqueles aos quais faltam os meios de produção espiritual.

A *Ideologia Alemã* (2007) demonstra que a estrutura educacional está condicionada à organização econômica e à divisão de classes, perpetuando desigualdades no acesso à educação. Nesse contexto, as leituras marxianas apontam o ensino crítico como possibilidade de conscientização e emancipação dos sujeitos oprimidos.

Embora Marx reconheça que a formação omnilateral só se efetive com o fim do capitalismo, cabe ao educador comprometido com a transformação social

¹ Entrevista cedida pelo professor Gaudêncio Frigotto, por meio de um questionário enviado e respondido via e-mail. O convite foi aceito pelo professor durante o Evento: XXV Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire, na cidade de Porto Alegre-RS, a mesma encontra-se na íntegra na versão final da dissertação já mencionada na introdução deste escrito.

transcender os limites da sala de aula em favor da justiça social, em consonância com a defesa freireana de uma educação democrática e emancipadora.

Por fim, nas palavras de Freire (2020, p. 49), “uma sociedade justa dá oportunidades às massas para que tenham opções e não as que a elite possui, mas a própria opção das massas. A consciência criadora e comunicativa é democrática”.

4. CONCLUSÕES

As reflexões apresentadas neste resumo evidenciam que a desigualdade social não é um acaso, mas parte do projeto da sociedade neoliberal, o que reforça a necessidade de analisar criticamente a educação destinada às classes oprimidas. Nesse contexto, destaca-se a relevância da formação omnilateral como caminho possível e urgente para a conscientização e emancipação dos sujeitos diante das explorações e amarras impostas por um sistema que se sustenta nas desigualdades e injustiças sociais.

Em síntese, diante dos desafios que atravessam a educação e a realidade social, é fundamental reafirmar a luta coletiva e o compromisso com a transformação, uma vez que a educação é um direito de todos, assim como todos os demais direitos negados às classes oprimidas precisam ser garantidos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ENGELS, F.; MARX, K. **Manifesto comunista**. São Paulo: Boitempo, 2017.
- ENGELS, F.; MARX, K. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- FREIRE, P. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro| São Paulo: Paz & Terra, 2020.
- VARGAS, Mayara Cristina. **A educação na engrenagem do capital: leitura crítica das desigualdades escolares à luz de Marx e seus intérpretes**. Orientadora: Neiva Afonso Oliveira, Coorientador: Alexandre Reinaldo Protásio. 2025. 90 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2025.